

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
ARTES PLÁSTICAS LICENCIATURA

ISABELLA LASSANCE LIMA COSTA

**METODOLOGIAS DE ENSINO EM ARTES VISUAIS: A SUA IMPORTÂNCIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DO EDUCANDO**

BRASÍLIA
2018

ISABELLA LASSANCE LIMA COSTA

**METODOLOGIAS DE ENSINO EM ARTES VISUAIS: A SUA IMPORTÂNCIA PARA O
DESENVOLVIMENTO DO EDUCANDO**

Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Dra Tatiana Fernández Méndez

BRASÍLIA

2018

Agradeço a todas as pessoas que sempre acreditaram em mim e que me motivaram a ser cada dia melhor e mais esforçada.

E agradeço principalmente à orientadora desta pesquisa, Prof. Dra. Tatiana Fernández, pois desde o semestre que fiz com ela de Estágio Supervisionado 3 ela sempre se mostrou prestativa, compreensiva e me ajudou da melhor forma possível, diante da minha situação anterior de gravidez e agora com bebê pequenininha.

RESUMO

A partir da experiência nos Estágios Supervisionados em Artes Visuais no curso de licenciatura, esta pesquisa busca refletir como as metodologias de educação de Artes Visuais no Brasil enriquecem o crescimento do educando cognitivamente. Com base nos estudos de teóricos como Rita Bredariolli, Maria Ferraz e Maria Fusari esta pesquisa identifica os elementos para o desenvolvimento cognitivo que são tratados nas metodologias em Artes Visuais; observando de maneira destacada o papel da motivação e da expressão nessas metodologias. Observou-se nesta pesquisa que acontecem melhores resultados no desenvolvimento dos alunos quando as metodologias trazem a experiência prática da arte. A partir do momento em que há espaço para expressão e motivação durante a prática, os resultados mostraram um significativo enriquecimento do educando.

Palavras-Chave: Metodologia, motivação, expressão, desenvolvimento cognitivo, prática artística.

SUMÁRIO

Introdução	6
1 – Metodologias e métodos de ensino da arte	8
1.1 – Metodologias Modernas de ensino de arte	11
1.2 – Metodologias Contemporâneas do ensino de arte	16
2 – Os elementos para o desenvolvimento cognitivo	22
2.1 – Motivação dentro do contexto da aula de arte	25
2.2 – A arte como meio de expressão	28
3 – A realidade do ensino de Artes	32
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	39

1 – Introdução

Durante as minhas experiências de Estágio Supervisionado na Universidade, eu pude ter contato com turmas de ensino médio e ensinos fundamentais 1 e 2; para cada etapa da educação conheci um professor diferente. Pude observar diferentes metodologias e métodos de ensino para as Artes Visuais e comecei a ter inúmeros questionamentos sobre a eficácia do ensino das artes e como que isso pode influenciar o desenvolvimento do aluno.

Foram surgindo perguntas para a elaboração desta pesquisa, mas consegui condensar todas em uma única: como as metodologias de educação de Artes Visuais no Brasil podem enriquecer o crescimento do educando cognitivamente?

Comecei a me indagar essas questões principalmente no meu segundo semestre de estágio, que foi para ensino fundamental 1. Eu ajudava a professora nas atividades artísticas e pude concluir ao longo das horas de estágio que as crianças faziam trabalhos que envolviam bastante coordenação motora e criatividade; e em um período relativamente curto de dias consecutivos de estágio, observei que muitas crianças conseguiram desenvolver bem as áreas que a professora queria estimular com os trabalhos artísticos. Após alguns dias que as crianças realizavam um tipo específico de atividade, muitas delas conseguiam desenhar uma linha mais reta por exemplo ou então enrolar papéis pequenos com mais precisão.

Com essas crianças menores de ensino fundamental 1, pude observar algo ainda mais marcante; muitas delas conseguiam se expressar a partir pelos desenhos que faziam. Após a realização dos trabalhos, a professora as vezes conseguia conversar mais com as crianças que tinham problemas em casa ou passavam por algum tipo de situação traumática/problemática; parece que os trabalhos artísticos abriam “portas de comunicação” para as crianças mais reclusas.

A partir da minha experiência de estágio no ensino fundamental 2, pude concluir que dependendo da metodologia utilizada, os alunos se mantêm interessados nas aulas. Os alunos mais problemáticos da escola em que estagiei, ficavam focados durante das aulas de artes e a partir dos desenhos deles também (assim como na experiência de estágio no fundamental 1), a professora podia perceber coisas que os alunos não deixavam transparecer, mas através disso ela podia ajudá-los. E muitos alunos no fundamental 2 ainda têm dificuldades para ter uma boa coordenação motora; pude perceber nas horas de estágio que a matéria colaborou muito para esse tipo de desenvolvimento. Tanto no estágio no ensino fundamental 1 como no 2, percebi que as Professoras tentavam incluir em suas metodologias/métodos de ensino a motivação do aluno dentro de sala e o desenvolvimento da expressividade.

Para esta pesquisa, me baseei nos textos de Rita Bredariolli (2012) sobre metodologias modernas, pós-modernas e contemporâneas para o ensino das artes visuais; também me apoiei bastante nas pesquisas das autoras Maria Ferraz e Maria Fusari (2001 e 1993), que evidenciam bastante o equilíbrio entre teoria e prática. E não menos importante, usei também como base muitos textos da Anna Mae Barbosa (1989, 2008, 2009, 2013). O primeiro capítulo desta pesquisa vai abordar esse tema das várias metodologias para o ensino de artes. Esta pesquisa também trata no capítulo 2 sobre a importância da educação artística para o crescimento e desenvolvimento do ser humano, como as metodologias podem ser importantes para manter a motivação dentro de sala e como as artes dentro das escolas podem ajudar o aluno a se expressar.

Para levantar os dados desta pesquisa, optei inicialmente por entrevistar alguns professores de artes. Consegui entrevistar 2 professoras da rede pública de ensino (uma de ensino fundamental 1 que posteriormente começou a lecionar em escola de ensino especial; e outra que leciona para ensino fundamental 2). Elaborei algumas perguntas, mas cada entrevista se desenrolou de uma maneira diferente, o que resultou em entrevistas semi-estruturadas.

Com essas entrevistas realizadas, percebi que é muito pequena a quantidade de professores que realmente discutem sobre metodologias. Essa temática é abordada dentro dos cursos de licenciatura, mas com essas 2 entrevistas consegui perceber que tem muitos que confundem metodologia com método. Muitas pessoas acabam ensinando apenas com base no passo a passo, que seria o método puro, e as vezes cai no esquecimento o conceito de metodologia, que envolve toda a filosofia a respeito do ensino.

Ambas as professoras entrevistadas acabaram desviando o assunto para outros temas, ou então mostravam maior preocupação com o conteúdo a ser transmitido do que com a metodologia em si. Portanto, após analisar o conteúdo das entrevistas, notei que essas duas não foram suficientes para conduzir a uma compreensão sobre o assunto. Elas apontaram a dificuldade dos professores de arte para pensar a metodologia além da técnica ou do método. Teriam que ter sido realizadas muito mais entrevistas, mas o tempo se tornou extremamente curto para a realização de outras, então acabei optando por finalizar a pesquisa com análise de dados com base nas minhas experiências de estágio e com base em experiência que tive de monitoria de disciplina dentro da própria universidade.

Dentro do capítulo 1 serão comentadas algumas metodologias modernas e contemporâneas de ensino para as artes visuais; dentro do capítulo 2 abordarei aspectos que colaboram para o desenvolvimento cognitivo do educando, incluindo motivação dentro de sala de aula e o uso da arte como meio de expressão. No capítulo 3 foi onde a análise dos dados da pesquisa foi feita.

1 – Metodologias e métodos de ensino da arte

Começarei esta pesquisa falando um pouco a respeito de uma metáfora proposta por Bredariolli (2012), muito pensada por indivíduos que acabam exauridos por um cotidiano cheio de obstáculos relacionados aos ideais educacionais, pelos salários injustos, pela falta de apoio institucional, pela quantidade de turmas e alunos em cada turma; todos caminham em direção a soluções para problemas relacionados à educação. Muitos procuram por uma maneira exata de ensinar artes para os alunos, considerando tempo e recursos para o ensino, mas infelizmente (ou felizmente) não existe resposta certa para esses questionamentos. Passou a ser usada, na tentativa de deixar o ensino artístico mais viável e facilitado, o uso de uma “receita”; mas isto se tornou extremamente pejorativo e clichê com o tempo.

Ainda de acordo com Bredariolli (2012), os anos de experiência, o ambiente e os instrumentos utilizados provocam resultados que podem ser positivos ou negativos; estes vão depender também da experiência do tutor junto com seu envolvimento. As circunstâncias vão ser aliadas à diferentes procedimentos, de acordo com a necessidade, pois cada situação determina um procedimento. Tudo isso é arranjado para um fim: a receita do bolo. Muitas “receitas” de como ensinar arte estão em circulação há anos, mas sozinhas elas “pairam inertes e alheias, repousando sobre páginas” como diz Bredariolli (2012). Caso não sejam escolhidas e renovadas elas não causam efeito algum. Os eventos que constroem o processo educativo acontecem a partir de todos esses elementos anteriormente citados, sob a nossa condução, tornando-se suscetíveis a outros elementos que aparecem durante este processo; reação dos alunos, ambiente, acontecimentos do dia a dia, instrumentos, etc podem gerar alterações constantes; a partir da observação e análise de todos esses fatores podemos criar “novas receitas”. De acordo com Bredariolli (2012) “O como ensinar e aprender arte, o como desenvolver o conhecimento artístico é indissociável da nossa concepção sobre o que é ensinar e aprender arte, o que é o conhecimento artístico.”

Walter Benjamin conceituou algumas noções de método assumindo as imprecisões e obstáculos que se encontrava no percurso, sem determinar alguma direção específica; assumia também interações com terceiros. O método se cria no ato da ação e pode ser complementado por desvios, ele acontece a partir da relação entre o sujeito sensível e o mundo, entre o sujeito e o objeto. Benjamin buscou formas de promover o conhecimento das coisas do mundo e ele não tentou excluir o fato de que o conhecimento também se constrói a partir da interação entre teoria e prática.

De acordo com Losada (2013), as artes participam do debate filosófico sobre o conhecimento como contraponto negativo da razão (de acordo com tendências racionalistas –

Platão por exemplo considera que a arte nos afasta da verdade), como modo de elaboração de experiência (segundo os filósofos empiristas – Aristóteles por exemplo) e como a manifestação mais perfeita do espírito e a maneira mais privilegiada de alcançar o absoluto (de acordo com Nietzsche, filósofos românticos e alguns contemporâneos). Essa grande separação entre razão e sensibilidade está presente na sociedade ocidental e isso repercute nas teorias filosóficas e científicas, nos modos de perceber o mundo e nas diferentes concepções de educação.

De acordo com Nietzsche as artes surgem a partir da própria vida e o conhecimento que alcançamos através delas é uma resposta do homem para o “caráter problemático da existência”; e a partir disso quer justificar a realidade como fenômeno estético, mas que na verdade é destituída de valor e irracional (Nunes 1991, p. 67 apud Losada, 2013, p. 37).

Segundo Losada (2013), para Hegel (1770-1831, filósofo alemão do século XIX), a finalidade da história é a plena realização do espírito. Hegel identifica 3 formas de realização do espírito: arte (forma mais elementar de realização do espírito), religião e filosofia (forma mais evoluída de realização do espírito; ele fala da dialética elaborada por ele e não toda a filosofia). Lyotard (1924-1998), filósofo francês contemporâneo também explicita que a arte, a religião e a filosofia são meios desenvolvidos pelo ser humano para tentar explicar sua compreensão sobre a vida, o mundo e o universo. Lyotard postula que a verdadeira emancipação do homem acontece devido à liberdade de sentir, pelo caráter da arte de eliminar regras e normas muitas vezes e pela criatividade.

Ainda de acordo com Losada (2013), Kant (1724-1804) também foi fundamental para considerar a arte como forma particular e especial de construção do conhecimento. Ele postula que a experiência do real é resultado da conjugação da sensibilidade (pela qual intuimos e percebemos as coisas) e do entendimento (relacionado com a formulação de conceitos). Sua filosofia é classificada por “idealismo transcendental”, pois ele não elabora uma teoria empirista a partir da junção do entendimento e da sensibilidade. Ele desenvolve o conceito de imaginação, importantíssimo para as áreas artísticas do conhecimento; para Kant a imaginação é uma faculdade intermediária que também liga as intuições da sensibilidade aos conceitos do entendimento. Porém, essa ligação pode ser feita subordinando as intuições aos conceitos (resultando no conhecimento objetivo) ou relacionando-os funcionalmente entre si, que resulta no prazer estético (Nunes 1991, p. 51 apud Losada, 2013, p. 30 e 31).

A razão e a sensibilidade, separados desde a Antiguidade, foram unidos por Kant. A importância cognitiva da sensibilidade não foi negada por ele, como os filósofos racionalistas negaram, e também não é dita como uma forma de conhecimento elementar, como os empiristas postularam. Antes, a sensibilidade e a imaginação eram relacionadas apenas às artes, delírios e ilusões e para Kant elas têm papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento científico.

Essas ideias foram decisivas para a arte e para a experiência estética serem consideradas formas de construção do conhecimento.

1.1 – Metodologias Modernas de ensino de arte

Durante a década de 1970, segundo Bredariolli (2012) o Movimento Arte-Educação começou a ter espaço na cena educativa, ele promovia debates a respeito de como acontecia a Educação Artística nas escolas; esses debates eram a respeito de temas problemáticos como a ênfase no fazer artístico, as vezes até esquecendo do conteúdo teórico. Ao longo da década de 1980 muitos encontros de educadores aconteceram para tentar solucionar esses temas; além disso, várias associações políticas para arte-educadores foram criadas. Esse movimento tinha o intuito de deixar claro que o ensino da arte não se realiza apenas incentivando a produção, mas também pelo contexto e análise de outras produções e períodos da arte; a Arte-Educação concebeu um novo jeito de se ensinar arte no Brasil.

De acordo com Ferraz e Fusari (1993), desde o final dos anos 80 no Brasil muitos têm mostrado preocupações com relação ao ensino da arte e isso mobiliza até hoje professores, pesquisadores e artistas que procuram fundamentar e intervir em práticas artísticas cada vez mais. Muitas propostas são feitas e elas são baseadas nas necessidades psicológicas dos alunos, em problemas comunitários e sociais, no ensino e aprendizado pensado a partir da própria arte, no conhecimento da arte a partir do fazer e apreciação artísticos e da história da arte, nos atos perceptivos dos alunos como base da experiência estética, na interdisciplinaridade entre diversos métodos para ensinar os conhecimentos em arte. Por fim são baseadas também na necessidade de mudanças na formação do educador em/de arte, esperando uma melhoria da qualidade de escolarização desde a infância.

Esses pesquisadores e professores, desde a década de 80, tentam mostrar que a escola tem um papel muito importante com relação a mudanças sociais e culturais e eles querem construir práticas educativas para esta realidade; percebem como a escola se configura no presente, com intenções de transformá-la rumo ao futuro e convidam os envolvidos a discutir o que pode ser alterado na educação em arte.

Ainda segundo as autoras Ferraz e Fusari (1993), Anna Mae Barbosa mostra a importância de conhecer o processo histórico do ensino da arte e de saber interferir nele com sabedoria; ela tem preocupação de democratizar o conhecimento da arte, ou seja, permitir que todos tenham acesso à conteúdos artísticos e estéticos através de uma educação de qualidade. Uma das ações propostas por ela é a “Metodologia Triangular”, que consiste no fazer artístico, na análise de obras e na história da arte; desde os anos 90 essa abordagem é estudada por diversas instituições de ensino (Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), Fundação lochpe e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dentre outras) e tem colaborado para a melhora do ensino de arte.

Em entrevista durante reportagem para a Rede Globo em 2013, Anna Mae Barbosa diz que o termo “Abordagem Triangular” é muito mais flexível, pode ser feita de várias maneiras; os termos metodologia ou proposta são mais restritos, pois “metodologia é feita pelo professor e de propostas a escola já está cheia”. Durante a abordagem, a contextualização é importantíssima porque situa a obra em uma cronologia e isso faz com que o aluno compreenda melhor o que está sendo tratado.

Arte não vem só de dentro, nós assimilamos o que vemos e, a partir daí, somos influenciados na maneira de expressar o mundo - esse é o momento da apreciação artística. E o fazer artístico é a hora da criação, que não tem a ver com cópia. O ensino que privilegia a repetição e a cópia acaba sendo esquecido. Cabe ao professor interferir a favor do aluno, para estimular a criatividade (Rede Globo, 2013).

Ainda segundo a mesma reportagem da Rede Globo com o título de “Abordagem Triangular: 25 anos de contribuição para o ensino da arte”, Anna Mae foi aluna de Paulo Freire em um cursinho preparatório para concurso; o encontro mudou a vida dela e também a história da arte-educação no Brasil. Essa abordagem proposta por Anna Mae é uma das práticas de ensino mais utilizadas pelas escolas brasileiras. Segundo Anna relata na entrevista, Paulo Freire a convenceu de que a educação era uma forma de libertação; inicialmente ele a levou para uma escolinha de arte dentro de Recife e isso fez com que Anna fosse se envolvendo cada vez mais com a área. Após um longo caminho, ela conseguiu ser a primeira brasileira a fazer doutorado em arte-educação, concluído em 1977. Uma das suas maiores conquistas foi quando ganhou uma medalha de mérito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pois isso mostrou que a mentalidade com relação à educação estava em processo de mudanças.

De acordo com Bredariolli (2012), em 1991, Anna Mae Barbosa lança o livro *A imagem no ensino da arte*, que foi um dos responsáveis por divulgar um ensino da arte composto por 3 ações, chamado de “Metodologia Triangular”: produção, leitura e contextualização. A leitura deve ser compreendida no sentido exposto por Paulo Freire: “não limitada a uma análise sintática, formalista, no caso das imagens, mas ampliada para sua relação com o tempo e o espaço no qual foram criadas” (Bredariolli, 2012). A imagem se refere a uma produção ou então à sua reprodução em livros, jornais, etc. Esse livro também compreende muitos métodos de leitura de imagens, que foram incorporados ao cotidiano escolar e que podem ser aplicados à outras linguagens também; o que torna esses outros métodos bem versáteis.

Uma das metodologias apresentadas no livro se chama “Método comparativo de análise de obras de arte” de Edmund Feldman (Barbosa, 2009 apud Bredariolli, 2012). Edmund foi Professor

da Universidade de Geórgia, USA, na década de 1970. O método foi desenvolvido para as artes visuais, mas podem ser aplicados em outras linguagens; além disso, visa desenvolver a capacidade crítica, fundamental para o conhecimento artístico que é realizado com base na descrição, análise, interpretação e julgamento de imagens. A base para essa metodologia de Edmund era o “desenvolvimento crítico para a arte” (Barbosa, 2009 apud Bredariolli, 2012).

Quatro procedimentos diferentes, mas ao mesmo tempo relacionados uns com os outros constituem esse método; descrição, análise, interpretação e julgamento. Para a descrição, os alunos devem escrever uma relação detalhada de objetos e formas contidas na obra; essa etapa ajuda na percepção dos detalhes. Durante a análise devemos observar o procedimento daquilo que vemos na obra; no caso de uma pintura, podemos perceber cores, texturas, pinceladas, composição. Na interpretação as informações e ideias das obras estabelecem diálogos com as vivências de mundo dos alunos; são as ideias que explicam sensações e sentimentos que temos diante do objeto artístico. Nessa etapa também o professor pode acrescentar informações sobre o artista, contanto que isso não atrapalhe a interpretação do aluno. E durante o julgamento, os alunos devem construir uma opinião própria sobre a obra, de maneira que atribua valor estético e artístico.

O interessante a respeito desse autor é que ele nunca propõe a leitura de uma única imagem, ele sempre apresenta pelo menos 2 imagens para facilitar na percepção de detalhes, diferenças ou similaridades: exercício da análise comparativa. E outro ponto muito interessante a respeito dessa metodologia é que o autor dela sempre propõe a realização de um trabalho prático posterior à parte mais teórica.

Segundo Barbosa (2009), Robert Saunders também propõe uma metodologia bastante completa, o “Método do Multipropósito”, ele utiliza reproduções das obras em sala de aula. Trata-se da série *Teaching Through Art* de Robert Saunders. A série é composta por três livros para o professor acompanhados de excelentes reproduções de obras de arte em pintura e desenho. Para o autor, os slides são um recurso menos poderoso do que a reprodução em papel e para esta, as dimensões da obra devem ser respeitadas ao máximo na medida do possível.

O método é criado também para orientar no uso de reproduções como instrumento de ensino que vise a educação estética da criança, a percepção visual, a acuidade espacial, a simbologia visual e verbal e as mudanças históricas. Entender uma obra de arte envolve um processo de amadurecimento, e quanto mais o aluno procura entendê-las, mais ele tem maturidade para entender questões mais profundas da obra. Os exercícios propostos pelo método se dividem em 4 categorias, assim como o método de Feldman: exercício de ver, exercício de aprendizagem, extensões de aula e por fim, produzir artisticamente.

Os exercícios de ver tem função de descrever claramente, identificar acuradamente e interpretar detalhes visuais das obras; os exercícios de aprendizagem envolvem a compreensão das imagens, expressando julgamentos de valor, exercitando o uso da imaginação, o desenvolvimento de conceitos espaciais e dos sentidos da organização espacial. Durante as extensões da aula, a arte deve ser relacionada com seu meio ambiente: deve-se fazer comparações históricas, usar símbolos visuais e verbais, investigar luz, sombra e cor, explorar relações humanas, tornar-se consciente de problemas ecológicos e improvisações dramáticas devem ser estimuladas. E na última etapa, deve-se produzir artisticamente: “desenvolver a auto imagem através do desenho, encorajar a atividade criadora grupal, experimentar com o espaço positivo e negativo, experimentar com representações em três dimensões, investigar formas, texturas, cores e linhas, exercitar as habilidades para recorte, colagem, modelagem, desenho, pintura etc., desenvolver a habilidade para lidar com régua, compasso e até lentes de aumento” (Barbosa, 2009).

Conforme Saunders, tudo isso pode ser utilizado para relacionar história da arte com outras disciplinas do currículo escolar, para realizar trabalhos interdisciplinares.

De acordo com Bredariolli (2012), essas metodologias que surgiram na década de 1980 são baseadas em métodos onde o conhecimento artístico é voltado para exercícios de análise crítica e para coleta de informações sobre contexto histórico, estética e história da arte, resultando numa compreensão completa de cada obra ou período. Essas metodologias abriram caminho para novas metodologias e métodos com uma compreensão ampliada de arte; isso tudo também abriu espaço para o surgimento de metodologias de ensino onde são debatidos temas como limites entre arte e artesanato, arte erudita e popular, arte e cultura, discriminação, preconceitos, hegemonia e as relações entre arte, educação e poder.

Como os autores anteriormente citados, Maria Heloisa Ferraz e Maria Fusari também desenvolveram metodologias baseadas inicialmente em uma parte teórica e posteriormente em uma prática artística. A metodologia do ensino em arte integra os encaminhamentos educativos das práticas de aula artísticas e estéticas. Esses encaminhamentos são um conjunto de ideias e teorias educativas em arte que podem ser concretizadas em projetos ou no próprio desenvolvimento das aulas de arte. As ideias e teorias são baseadas nas propostas de estudiosos da área e também no trabalho das duas autoras. A metodologia em artes inclui escolhas profissionais do professor quanto aos assuntos em arte, que devem ser contextualizados para serem trabalhados com os alunos. Autoras ainda ressaltam muito a importância de aliar teoria e prática durante as aulas; o “como fazer” está atrelado ao “como entendemos” a arte. Para que tudo dê certo, métodos educativos/trajetórias pedagógicas devem ser criadas com procedimentos

técnicos e propostas de atividades. Para ambas as autoras, a metodologia em arte é o método em ação (Ferraz e Fusari, 2001 apud Bredariolli, 2012).

Ferraz e Fusari apresentam também os componentes curriculares básicos necessários no planejamento e desenvolvimento desse processo educativo, que são os professores de arte, os objetivos educacionais em arte, os conteúdos escolares em arte, os métodos de ensino e aprendizagem em arte, os meios de comunicação escolares em arte e os alunos de arte, de acordo com Bredariolli (2012).

Para articular todos esses elementos, 3 etapas são necessárias: é preciso observar, avaliar e constatar os conhecimentos artísticos e estéticos dos alunos, em uma primeira etapa. Na segunda etapa, tomando as primeiras constatações como base, são analisados os conceitos sobre os quais os alunos ainda não têm domínio. Estes são fundamentais para que ocorra a diversificação, aprofundamento e aprendizagem pela compreensão das produções artísticas e suas histórias. Essa segunda etapa seria integrada por uma extensa análise de conceitos, de planos de curso e das aulas de arte (com começo, meio e fim bem determinados). Na terceira etapa se encontram as “discussões periódicas”, elas são avaliações e observações contínuas sobre o processo inteiro. Essas discussões visam o rearranjo de alguns elementos para promover a realização dos objetivos que definem a direção de um processo de ensino e aprendizagem.

1.2 – Metodologias Contemporâneas do ensino de arte

Segundo Losada (2013), linguagens são fundamentais para a criação e disseminação de conhecimentos técnicos e científicos. O estudo delas é imprescindível para uma educação de qualidade, já que uma linguagem muitas vezes facilita o entendimento de outra(s); porém, cada uma tem certos limites nos seus meios de representação (códigos) e nos meios de comunicação (tecnologia). Sendo assim, o currículo educacional do nosso país abrange a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, que estuda os diferentes tipos de linguagem. Esta área compreende o estudo da linguagem verbal (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira), da linguagem corporal (Educação Física) e também das linguagens artísticas (Artes Visuais, Música, Artes Cênicas e Dança). O nosso currículo educacional também compreende as áreas das Ciências Naturais e das Ciências Humanas.

As linguagens são 'transdisciplinares', pois colaboram para a construção de todo tipo de conhecimento e transmissão de todo tipo de informação. O maior desafio no ensino das linguagens é garantir o caráter 'transversal' delas; por causa dessas características instrumental e transversal, muitas escolas organizam com os alunos peças de teatro, musicais e produção de murais. Para que estas atividades sejam desenvolvidas com qualidade e tenham participação criativa e ativa dos alunos, essas linguagens precisam ser bem desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo; caso isso não ocorra, os alunos apenas decoram os conteúdos e os repetem de maneira mecânica. Uma coisa que acontece muito nas artes visuais é os professores executarem os trabalhos artísticos pelos alunos, segundo Losada (2013), e isso prejudica o aluno em muitos pontos. Primeiro porque esses professores não dão a oportunidade do aluno de desenvolver criatividade, coordenação motora e outros pontos cognitivos. Segundo porque com essa atitude, o professor priva o aluno de aprender a linguagem que foi ensinada ou explorada por ele.

De acordo com Losada (2013), a expressão artística não ocorre facilmente de maneira espontânea ou automática; é preciso "alfabetizar" a criança nesses códigos, de maneira que seja desenvolvida um programa de aprendizagem para tal, assim como ocorre com outras disciplinas. "A arte tem conteúdo, história, várias gramáticas e múltiplos sistemas de interpretação que devem ser ensinados" (Anna Mae Barbosa, 2003 apud Losada, 2013). Ainda segundo a autora, esses conhecimentos da área de linguagens devem ser ensinados de modo contextualizado e transversal para poder estimular o desenvolvimento dos alunos como receptores e emissores de conhecimentos cotidianos, científicos, artísticos e técnicos.

A arte é uma forma de elaborar conhecimentos, experiências e cultura que se dá a partir de princípios estéticos ligados à nossa percepção sensorial. A arte não se dá por princípios racionais

ou lógicos, como a ciência. Muitos estudiosos constataram que o ensino das artes dentro das escolas:

- estimula as faculdades sensórias e as habilidades motoras da criança, formando as bases do pensamento simbólico (Montessori e Piaget);
- desenvolve a criatividade e a capacidade de solução de problemas (Dewey). (CEDERJ 17 AULA 1);
- permite a elaboração de conteúdos afetivos (Dewey e Freinet);
- incentiva a cooperação nas interações sociais e a construção da identidade cultural (Vigotsky, Paulo Freire, Freinet);
- estabelece vínculos existenciais e afetivos entre o ambiente escolar e a realidade cotidiana e cultural do aluno (Richter). (LOSADA, 2013, p. 16 e 17).

Segundo Nascimento (2012), Duarte Júnior (1991) diz que a arte possui três dimensões: sociocultural (a cultura de um determinado grupo é preservada por causa do pensamento artístico), currículo-escolar (a arte faz o aluno conectar melhor as outras disciplinas) e a dimensão psicológica (a educação em arte promove maior afetividade do indivíduo e o desenvolvimento da criatividade). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.15) na apresentação da proposta do volume 6, das séries iniciais do Ensino Fundamental, destinado à Área Curricular Arte, diz que a educação em arte gera a criação e desenvolvimento do pensamento artístico e este faz com que o aluno tenha mais sensibilidade, imaginação, reflexão e percepção das coisas ao seu redor. Com isso, o educando é capaz de perceber e aprender a respeitar diferenças culturais, étnicas e religiosas. Uma educação com arte permite ao aluno mostrar todo o seu potencial de criação, segundo Nascimento (2012).

Ainda de acordo com a mesma autora, a escola deve ser o espaço onde se discutem direitos e deveres, onde são propostas reflexões sobre a realidade, mas também é o espaço onde ocorrem algumas manifestações artísticas; de acordo com os PCN é uma das funções mais importantes do ensino da arte. Nos últimos anos muitos pesquisadores e estudiosos concluíram que o ensino da arte é importantíssimo para o desenvolvimento da criança e para a formação do indivíduo.

Zanin (2003) diz que a arte pode contribuir imensamente para o desenvolvimento da criança, pois a aprendizagem se inicia na interação da criança com o seu meio. Para a criança, a arte tem início quando a criança tem seu primeiro contato com o ambiente e ela reage a essas experiências sensoriais. Qualquer maneira de interagir com o ambiente é a base para a produção artística (tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar).

Algumas pessoas começaram a dedicar o seu tempo para reinventar e atualizar metodologias de ensino de artes, para torná-las próprias do nosso tempo. Nascimento (2012) diz que o crítico de arte Herbert Read foi um dos influenciadores do “Movimento da Educação através da Arte”; este movimento parte de princípios que valorizam o ensino da dança, da música, do teatro e das artes plásticas. De acordo com Zanin (2003), Herbert Read criou a expressão “educação através da arte” e isso significa uma educação que tem a arte como uma das suas principais aliadas.

Segundo Zanin (2003), esse Movimento teve a tendência da livre expressão como principal manifestação. Esse princípio da livre expressão começou a tomar espaço dentro das escolas e é acompanhado do conceito de criatividade. Atualmente, muitos professores se preocupam em encontrar respostas para as seguintes perguntas: “Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?” “Qual a função da arte na sociedade?” “Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano?” “Como as contribuições da arte podem ser significativas e vivas dentro da escola?” e “Como se aprende a criar, experimentar e entender a arte e qual a função do professor nesse processo?”. Essas perguntas foram importantes para fundamentar conceitos dentro do currículo escolar, especificando cada vez mais a área com base nos fenômenos artísticos. A partir de todos esses fatos muitas pesquisas mostraram que o modo de aprender dos artistas trouxeram dados imprescindíveis para a criação de novas propostas pedagógicas. Os alunos são incentivados a estudar a estética.

Na contemporaneidade foi criada uma metodologia em arte chamada *a/r/tografia*. Ela é uma forma de ABER (*arts-based educational research* – ABER é um tipo de metodologia de pesquisa acadêmica que não utiliza métodos pré-estabelecidos, ressalta a imaginação, dinamismo, a incerteza, a ilusão, segundo Dias, data incerta) criada por *Elliot Eisner* na *Stanford University* entre nos anos 1970 e 80 nos EUA; ele dizia que a arte é fundamental para o desenvolvimento de pesquisas. Segundo Bredariolli (2012), entre 1994 e 2004 houve um bom crescimento do uso desse tipo de pesquisa baseada em arte. De acordo com Dias (data incerta), a *a/r/tografia* é como relacionamos o fazer artístico com o entendimento do conhecimento; ela prioriza a criatividade no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, incentiva novas maneiras de se pensar, engajar e interpretar questões teóricas como um pesquisador e questões práticas como um professor, de acordo com Dias (data incerta). Ainda segundo o autor, a *a/r/tografia* privilegia o texto escrito e imagens quando ambos estão hibridizados; saber, fazer e realizar são mesclados no intuito de criar uma linguagem mestiça. Ela busca o sentido denso das coisas e formas alternativas para causar um entendimento que as formas tradicionais de pesquisa não são capazes de causar.

arte, pesquisa e ensino não são feitos, mas vividos. As experiências e práticas vivenciadas por indivíduos criando e recriando suas vidas são inerentes à produção de suas obras de *a/r/t* e de escrita (grafia). Pensamento e prática estão inextricavelmente ligados através de um círculo hermenêutico de interpretação e compreensão. O novo conhecimento afeta o conhecimento existente (IRWIN, 2008, p. 97 apud Bredariolli, 2012, p. 74).

De acordo com Bredariolli (2012), *a/r/tografia* é a junção da teoria (*theoria*), prática (*práxis*) e criação (*poiésis*), de maneira que é estabelecida uma “experiência estética” que gera significados ao invés de fatos. Ela se tornou um tema de constante interesse para arte-educadores e “para aqueles que recorrem à arte como um meio de ampliar sua compreensão de ideias e práticas” (IRWIN, 2008, p. 88 apud Bredariolli, 2012, p. 71), ou seja, para aqueles que recorrem à arte como fundamento para pesquisas. As pesquisas baseadas em arte consideram o subjetivo, o poético e o criativo; elas não buscam resultados exatos, verdadeiros e únicos, como as metodologias científicas. Essas metodologias assumem como métodos as narrativas, autobiografias, pesquisas etnográficas, estudo de si, que são todos característicos de uma pesquisa qualitativa.

A *a/r/tografia* foi desenvolvida para juntar as artes com métodos de pesquisa educacional. O neologismo foi criado para integrar “artist-researcher-teacher (artista-pesquisador-professor)” com “*theoria*, *práxis* e *poiésis*, ou teoria/pesquisa, ensino/aprendizagem e arte/produção” e também como uma escrita investigativa, a “grafia” (IRWIN, 2008, p. 88 apud Bredariolli, 2012, p. 71). Bredariolli (2012) diz que essa escrita investigativa deve fazer parte da criação própria do processo artístico, a *poiésis*. A arte e a escrita se complementam; há uma interação entre a imagem (pode ser uma foto, uma situação, produção artística ou imagética; imagem como produção visual e como produção de imaginários) e o texto. Durante a elaboração do texto, estamos produzindo imagens que foram criadas pela junção das palavras; da mesma maneira que quando criamos uma imagem, também estamos elaborando um texto. Dentro da *a/r/tografia* as imagens não são consideradas apenas ilustrações para os textos e estes não podem ser chamados de “legenda” para as imagens. Segundo Bredariolli (2012) “*A/r/tografia* é uma prática viva da arte, da pesquisa e do ensino: uma mestiçagem viva; uma escrita viva, uma experiência que cria a vida”.

A/R/T é uma metáfora para:

Artist (ARTISTA)

Researcher (PESQUISADOR)

Teacher (PROFESSOR)

Grafia: ESCRITA/REPRESENTAÇÃO (Dias, data incerta)

Ainda dentro do assunto de professor-pesquisador, Paulo Freire (2010) diz que todo professor tem que possuir a função de pesquisador. A indagação, a busca e a pesquisa fazem parte do ofício constantemente. Segundo Bredariolli (2012) o processo que compreende a elaboração de aulas (busca de textos, imagens, pesquisa em internet ou bibliotecas), a observação do resultado positivo ou negativo das aulas, a observação da reação dos alunos às matérias dadas, busca por reformulações, tudo isso é configurado como um modo de atuar como professor-pesquisador. Além disso, o trabalho reflexivo do professor que é atento a sua prática, ao seu contexto, que busca compreender problemas e bons resultados, ou seja, tudo que envolve o entendimento sobre a prática, também são atos de pesquisa (Pimenta; Ghedin, 2002 apud Bredariolli, 2012).

Ainda segundo Bredariolli 2012, os professores-pesquisadores precisam prestar atenção no cotidiano e com o nosso entorno, caso contrário o automatismo, a fragmentação, a frustração, o cansaço e a incoerência dominam. Devemos estabelecer uma relação de experiência com o nosso cotidiano, mas a experiência como arte, segundo sentido de experiência de John Dewey; essa experiência é resultado de um processo que agrega valores e significados do passado para reavaliação dos acontecimentos do presente. Essa “verdadeira experiência” possui qualidade estética e possui o mesmo padrão de uma obra de arte; ela se opõe à monotonia, reprodução, repetição, mecanicismo e ela se completa com a atuação em conjunto da prática, do intelecto e do lado subjetivo, o emocional (Dewey, 2010 apud Bredariolli, 2012, p.70).

A Profa. Me. Ana Lúcia Beck desenvolveu sua própria metodologia em arte no Curso de Artes Visuais da Universidade Luterana do Brasil. Ela desenvolveu sua própria metodologia para suas aulas de desenho de modelo vivo; se baseou muito na sua própria experiência como aluna: apesar de ter tido aula com modelo vivo, as aulas não eram dinâmicas, por mais que o modelo alternasse poses em pé, deitado, sentado, etc. Então quando chegou o momento de ela dar suas aulas de modelo, ela inicialmente ficou extremamente apreensiva com a ideia, ficou com medo de dar apenas mais uma aula de desenho que não acrescentasse nada novo aos alunos. A Profa. Me. Ana Lúcia Beck começou a transformar sua sala de aula em um espaço de pesquisa.

Enquanto a Profa. Me Ana Lúcia pesquisava referências de desenhos de grandes artistas plásticos para referência em suas aulas, descobriu que grande parte deles realizavam estudos bem rápidos da figura humana, na forma de desenhos dinâmicos. Da vVinci por exemplo utilizava essa técnica; em muitos de seus desenhos rápidos é possível perceber a mobilidade, a pose e a anatomia da figura humana, mas não os detalhes.

Em sua experiência como professora de desenho da figura humana, Ana Lúcia foi capaz de observar dois aspectos: o primeiro, os alunos possuíam muita dificuldade em “soltar a mão” na

hora de desenhar e o segundo é que eles achavam que os movimentos do braço na hora de desenhar deveriam ser racionalizados. Muitos dos modelos que a professora chamava para as aulas eram dançarinos, então inicialmente ela solicitou aos modelos para fazerem poses pouco convencionais. Ao ver essas poses diferentes, os alunos eram obrigados a realmente observar. Segundo a Profa. Me Ana Lúcia (2010) citou em sua pesquisa “as poses, quanto mais difíceis são, mais ‘fáceis’ de desenhar se tornam pois liberam o desenhista de seus estereótipos e pré-conceitos libertando-o da elaboração daquilo que julga já conhecer”. Por mais que poses diferentes fossem excelentes, os alunos possuíam apenas 1 ou 2 minutos para desenhá-las, por isso o tempo estava muito curto para esse método.

A Profa. Me. Ana Lúcia começou a testar outras coisas com os alunos; ela pediu para eles observarem também o aquecimento dos modelos antes de executar poses complicadas. Para fazer os alunos soltarem bem a mão e pensarem menos racional na hora do desenho, o tempo das poses era cada vez mais curto. Porém, diminuindo o tempo das poses, a Profa. Percebeu a dificuldade dos alunos de acompanhar o ritmo do modelo. A mão estava ficando rápida, mas o pensamento excessivo muitas vezes travava o movimento completo das mãos.

Então, a Profa. Me. Ana Lúcia chegou numa atividade final: primeiro os alunos apenas observam os movimentos dos modelos; em segundo eles tentam acompanhar com o corpo os movimentos feitos pelos modelos, como se os alunos fossem o “espelho” dos modelos; em terceiro os alunos vão se aproximando dos cavaletes e deixam vestígios das suas movimentações no papel (nestes primeiros desenhos, não aparecem formas, isso é apenas resultado da interação entre modelo e aluno); em quarto os alunos vão tentando captar poses ainda de maneira bem solta, se afastando e se aproximando do papel. A partir desse exercício, a Profa. constatou que os alunos aprendem melhor a dinâmica do movimento representado e também aprendem a anatomia da figura humana. Este procedimento foi desenvolvido em algumas horas das primeiras aulas, pois é um processo longo até que os alunos assimilem o que estão fazendo, até que tenham confiança nas pequenas marcas que ficam no papel. Na medida em que o exercício é repetido, os alunos começam a ver mais resultados e ficam tranquilos, e a partir disso o processo começa a ficar mais rápido.

2 – Os elementos para o desenvolvimento cognitivo

Inicialmente devemos diferenciar o ensino da arte pela arte, que é a formação do artista plástico e a Arte-educação, que significa educar utilizando várias linguagens e meios artísticos. Aqui será tratada a Arte-educação dentro das escolas.

De acordo com Holzmann, Giovannoni e Maes (1993), podemos observar tanto em escolas públicas quanto em particulares que o ensino de artes deixa muito a desejar; em muitos lugares a disciplina de arte é vista como válvula de escape, um momento de lazer ou então algo que atrapalha a grade curricular. A disciplina também é vista como espaço para preparar decorações para eventos comemorativos da escola: dia do índio, dia dos pais, dia das mães, páscoa, etc e na maioria desses casos a professora ou professor acaba tendo a maior parte do trabalho para realização das atividades práticas, e não os próprios alunos.

Na pré-escola as artes visuais têm mais espaço, mas muitas vezes essa matéria é considerada apenas uma “coleção de técnicas” ensinadas sucessivamente e muitas vezes são aplicadas apenas para colaborar com o desenvolvimento da coordenação motora dos alunos. Muitas vezes também os trabalhos dessa disciplina acabam tendo uma função puramente estética, apenas para que sejam mostrados belos trabalhos aos pais, o que não acrescenta muito. Infelizmente o pensamento de muitos é que artes pode ser trabalhada nas escolas desde que não atrapalhe a alfabetização ou a aplicação de outros conteúdos mais “teóricos”.

Existem muitos espaços onde o ensino de artes é valorizado, mas dentro das escolas ainda não conseguiu sua valorização máxima, independentemente da faixa etária dos alunos. Segundo estudos, os objetivos dessa disciplina são bem amplos: desenvolvimento de coordenação motora, desenvolvimento da percepção tátil, visual e corporal, desenvolvimento da comunicação (trabalhando com linguagens sonoras, plástica e corporal) e também ajuda a desenvolver muito a criatividade.

Segundo Filho, Ponce e Almeida (2009), criatividade diz respeito à capacidade de gerar algo novo. Como parte do desenvolvimento de processos psicológicos, acompanha o ser humano em toda a sua existência. Skinner e Piaget são representantes das ciências naturais e biológicas; Vygotsky e Wallon são representantes das ciências humanas e sociais. Apesar disso, Piaget e Vygotsky concordam em alguns pontos sobre a criatividade: este diz que sem a criatividade o homem não desenvolve nada e Piaget, assim como Vygotsky, afirma que ela é importantíssima para o desenvolvimento. Skinner, com seu behaviorismo radical, aponta que a resposta criativa é produto dos mesmos processos que explicam respostas operantes e que contingências que promovem a variabilidade comportamental são fundamentais para a sua ocorrência.

Para Amabile (1999), existem ambientes que favorecem o desenvolvimento da criatividade, como um ambiente familiar propício e um bom ambiente no sistema de ensino. Também têm vários fatores que influenciam no processo criativo: fatores cognitivos (raciocínio, conhecimentos, linguagem), fatores motivacionais, fatores sociais e fatores relacionados à personalidade.

De acordo com Holzmann, Giovannoni e Maes (1993), o ser humano precisa se conhecer para se tornar autêntico, se diferenciar dos outros e ter sua própria identidade. E quanto mais identidade ele tem, mais ele consegue se comunicar e interagir com terceiros e também se expressar. Muitas escolas valorizam apenas a competição, a comunicação verbal, boas notas e conceito excepcional e com isso acaba atrapalhando a expressividade e com o desenvolvimento da individualidade de cada um. Conseqüentemente, atrapalha também a capacidade de integração com o mundo. As aulas de artes são uma das coisas que pode ajudar o estudante em tudo isso: desenvolver as diferentes linguagens, ela possibilita que ele se expresse de alguma maneira e tome iniciativa própria, ela permite uma intensa expressão de liberdade. Assim como nas outras disciplinas, o professor de artes desempenha um papel de certa autoridade, mas as atividades são organizadas de maneira que os alunos pensem por si mesmos, tomem suas próprias decisões; e o professor deve respeitar isso, dessa maneira todos podem aprender juntos. O ensino da disciplina pressupõe uma abordagem que enfatiza a experiência e comportamento humanos e por consequência, uma atmosfera mais amigável e menos autoritária é criada e tudo isso influencia diretamente na aprendizagem por parte do aluno.

Holzmann, Giovannoni e Maes (1993) dizem que as aulas de artes, assim como a própria arte, tenta romper padrões e convergências, inclusive quando se trata da metodologia de ensino. A disciplina incentiva a criatividade do aluno para sua realização pessoal e profissional, mas também para que ele participe do seu contexto social. Sendo lecionada por algum profissional com conhecimentos teóricos e práticos (técnicas), contribui para o desenvolvimento do educando em vários níveis, valorização da matéria e para uma eficácia da educação geral.

De acordo com o manual escrito por Edward Fiske, em 1995 foi formada a *Arts Education Partnership (AEP)* a partir de um acordo entre *National Endowment for the Arts (NEA)*, *the U. S. Department of Education*, *the National Assembly of State Arts Agencies (NASAA)*, and *the Council of Chief State School Officers (CCSSO)*. A AEP é uma organização privada e não lucrativa que junta mais de 100 organizações que são relacionadas com arte, negócios, filantropia, educação e até organizações governamentais também fazem parte; todas querem promover a arte dentro da educação, pois isso permite que estudantes sejam bem sucedidos dentro da escola, na vida e no trabalho¹.

1 Tradução livre do livro *Champions of Change, The impact of the arts on learning – Edited by Edward B. Fiske*

A organização chamada *President's Committee on the Arts and Humanities* foi criada em 1982 para encorajar o setor privado a estimular a apreciação pública do valor das artes através de projetos, encontros e publicações².

Segundo Tatiana Fernández (2005), *Champions of Change* é o nome de uma investigação realizada nos Estados Unidos com um convênio entre a AEP e a *President's Committee* durante a última década do século XX. Tem o objetivo de explicar porque a experiência com artes é extremamente positiva para as pessoas. Sete equipes de investigadores foram formadas para estudar o impacto positivo das artes dentro das escolas e fora do âmbito acadêmico; cada equipe contou com uma metodologia diferente para a investigação. Com toda essa pesquisa, foi constatado que os estudantes tiveram altos níveis de aproveitamento através da experiência artística; esta cria uma forma dinâmica de aprendizagem, pois o domínio de um conhecimento estimula outros conhecimentos em outras áreas, em uma rede intrincada de influências.

Foi constatado com a pesquisa que a arte chega aos estudantes de uma maneira que as outras disciplinas não chegam; a prática artística ajuda muitos jovens com situações mais complicadas de vida, pois encontram na arte um motivo, que muitas vezes é o único motivo que os estimula a se desenvolver na escola. A arte também chega de formas que não chegam por outros meios; os estudantes que eram considerados verdadeiros fracassos escolares se sobressaem em programas de arte, de maneira que a arte é uma ponte para a aprendizagem (Fernández, 2005).

Ainda de acordo com Fernández (2005), a arte conecta os estudantes, transforma o ambiente de estudo em um lugar de descobrimentos, representa novos desafios para quem tem alto desempenho escolar e a arte conecta a experiência da aprendizagem com a realidade. As investigações do *Champions of Change* escolheram como foco de estudo as escolas e programas de alto nível no ensino da arte para identificar princípios que se mostram efetivos nesses modelos; além disso, também puderam ser melhor definidas as características que identificam a qualidade dos programas. A aprendizagem se torna significativa quando o estudante tem a possibilidade de representar o que foi aprendido, pois todas as disciplinas artísticas ensinam diferentes modos de representação.

2 Tradução livre do livro *Champions of Change, The impact of the arts on learning – Edited by Edward B. Fiske*

2.1 – Motivação dentro do contexto da aula de arte

Muitas pesquisas sobre motivação no contexto escolar já foram realizadas e elas mostram como as metas e crenças dos alunos afetam nos novos aprendizados, no engajamento cognitivo, no aproveitamento e rendimento acadêmicos e na demonstração de comportamentos, estratégias e habilidades já adquiridos (Pintrich, 2003 apud Zambon; Rose, 2012). As práticas de ensino também podem influenciar positiva ou negativamente a motivação dos alunos dentro de sala de aula. De acordo com Zambon e Rose (2012), a análise das relações entre rendimento dentro de sala de aula e o conceito que o aluno tem de si mesmo, além das explicações quanto ao sucesso e ao fracasso e das metas de realização do próprio aluno, são importantíssimas para promover bons resultados educacionais.

A fim de se entender a motivação para a realização acadêmica, devem ser levadas em conta as múltiplas facetas relacionadas às crenças dos estudantes sobre o que pensam a respeito de si mesmos como aprendizes, suas crenças a respeito de seu valor, suas capacidades (autoeficácia e autoconceito), suas explicações quanto ao sucesso e ao fracasso (atribuições de causalidade), suas metas (metas de realização) e seus sentimentos em relação à escola, à aprendizagem, às matérias e aos professores (Bzuneck, 2009; Pintrich, 2003; Wigfield et al., 2006 apud Zambon; Rose, 2012).

O autoconceito diz respeito ao conjunto de autopercepções da pessoa, formadas a partir de experiências pessoais e do ambiente que a cerca (Shavelson; Bolus, 1982 apud Zambon; Rose, 2012). A relação entre autoconceito acadêmico e rendimento foi analisada e foi constatado que pessoas com imagens positivas de si mesmas se esforçam para realizarem as tarefas para que sejam mais consistentes com suas autopercepções (Marsh, 1984, 1986, 1990b; Marsh; Koller, 2003 apud Zambon; Rose, 2012). Foi evidenciado que existe uma relação recíproca entre o conceito que o aluno apresenta de si e o seu rendimento acadêmico/escolar. As aulas de arte podem ser grandes aliadas para o educando desenvolver personalidade, identidade e isso acarretaria diretamente no fortalecimento de uma imagem positiva a respeito de si mesmo; tudo isso colaboraria também para o rendimento dentro de sala de aula, pois quando o aluno tem um bom conceito de si mesmo, a educação flui de maneira muito mais eficaz.

As atribuições de casualidade envolvem as explicações que o aluno associa ao seu sucesso ou ao seu fracasso. Estudos comprovam que alunos que atribuem sucesso à capacidade e ao esforço têm maior rendimento escolar do que os alunos que relacionam sucesso com as causas externas (Graham; Weiner, 1996; Marsh, 1984, 1986; Nunez et al., 2005; Weiner, 1985 apud Zambon; Rose, 2012). A arte com o tempo colabora também para que o aluno tenha a percepção de que seu esforço pode levá-lo a um caminho extremamente positivo; durante uma

experiência de monitoria dentro da UnB em uma aula de Desenho, pude observar um aluno que não sabia fazer nenhum desenho de figura humana no início do semestre. Ao longo das semanas, ele foi se esforçando para conseguir desenhar as poses mais simples e quanto mais se esforçava, mais ele via resultado e conseqüentemente mais ele se mantinha motivado para continuar. Ao final do semestre, foi um dos alunos que mais apresentou desenvolvimento e aprendizado da prática de anatomia da figura humana. Mas também preciso comentar que a metodologia utilizada pela professora tinha a motivação do aluno como um dos tópicos. Muitas vezes nas metodologias para artes que aliam teoria e prática, os professores pensam em métodos de ensino em que a motivação do educando esteja presente, de maneira que ele seja um aluno produtivo tanto na parte prática, quanto na parte teórica.

As metas de realização dizem respeito ao propósito que o aluno deseja alcançar, elas envolvem um conjunto de ideias e crenças do aluno que determinam como ele vai se engajar nas atividades escolares (Ames, 1992; Bzuneck, 2009b apud Zambon; Rose, 2012).

Segundo Zambon e Rose (2012), uma das preocupações dos profissionais da educação é relativa à baixa qualidade da aprendizagem e ao baixo rendimento escolar dos alunos. Esses resultados foram evidenciados por resultados obtidos em avaliações governamentais como o *Sistema de Avaliação da Educação Básica*, a *Prova Brasil* e o *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*. Alguns professores explicam esses resultados negativos por causa da falta de motivação.

Atualmente, em boa parte do ambiente escolar, as aulas de arte são desvalorizadas e vistas por muitos como apenas um momento de lazer e de importância inferior às outras matérias, como a matemática e a geografia. Ignora-se a relevância do meio artístico para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Essa visão, porém, não se estende a todos os educadores: muitos são os que percebem e destacam a presença de variadas formas de manifestação artísticas já inseridas no contexto de diversas matérias e buscam alterar essa perspectiva de que a arte não tem o mesmo valor que as outras disciplinas ministradas nas escolas, incentivando o uso de linguagens artísticas para contribuir com a formação do conhecimento e da sensibilidade dos alunos, bem como recurso motivacional para o estudo de outras disciplinas.

De acordo com Eccles e Wigfield (2002), enxergar um significado e atribuir importância e valor à determinada tarefa é um dos principais meios de motivação do aluno, juntamente às expectativas pessoais. A arte é uma disciplina que ajuda muito o aluno a atribuir significado e valor às coisas e quando isso acontece, os envolvidos ficam mais motivados para continuar aprendendo.

Ainda de acordo com Eccles e Wigfield (2002), deve-se buscar o desenvolvimento e a manutenção dessa motivação dentro do ambiente escolar. Um dos métodos conhecidos para essa

busca é o de relacionar o objeto de estudo à vida e aos interesses pessoais do aluno, recorrendo às contribuições do socioconstrutivismo e considerando a individualidade dos estudantes. Atribuir uma utilidade ao conteúdo também é uma forma conhecida de busca de motivação: ao ser visto como um meio de se alcançar determinado objetivo futuro, o conteúdo é mais valorizado pelo aluno. É de suma importância que o educador atue como modelo e transpareça essa importância. As tarefas devem ser estimulantes e desafiadoras, atraindo assim a curiosidade e a vontade do aluno de se superar. O fornecimento de um feedback por parte do professor é de suma importância na interação professor-aluno, e é também um meio de manter os estudantes motivados. Pode-se utilizar variados meios de motivação combinadamente, e é importante que elas sejam bem selecionadas e aplicadas, levando em consideração o contexto apresentado.

A Arte-educação constitui uma investigação que oportuniza o acesso à arte como linguagem expressiva e serve para analisar e adquirir conhecimentos sobre como se utiliza e relaciona a arte no processo de aprendizagem. Contribuindo não apenas para a formação de artistas, a arte colabora estimulando a inteligência, a criatividade, o dinamismo e a formação da personalidade do indivíduo, além de auxiliar com o desenvolvimento social e o senso crítico deste. Durante a sua atividade criadora, o indivíduo aperfeiçoa processos que desenvolvem a percepção, a imaginação, a observação e o raciocínio. Ou seja, tudo isso colabora para aumentar ainda mais o potencial criador do indivíduo, o que acaba sendo refletido em outras áreas de conhecimento.

É necessário encorajar e deixar essa “expressão gráfica” da criança e do adolescente fluir, contribuindo assim com o desenvolvimento de outros meios expressivos utilizados por eles, sendo esses meios podem ser considerados como uma base fundamental para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo; as metodologias em artes visuais são imprescindíveis para ajudar nesse desenvolvimento do indivíduo. Também se tornam de extrema importância para um melhor aproveitamento do conteúdo de artes, de maneira que ele se relacione ao máximo com o conteúdo de outras disciplinas e com vivências de mundo.

A criatividade é indispensável para o desenvolvimento humano e é nesse ponto que a arte na educação se torna fundamental, pois ela contribui com o desenvolvimento da criatividade, da personalidade e de diversos aspectos do indivíduo.

2.2 – A arte como meio de expressão

Pretendemos consolidar a compreensão da Arte como processo de extrema cultura. Explorar a multiplicidade de benefícios por ela oferecidos, como modo de expressão da vida, associada ao processo de criação e transformação do ser. Deste modo, exerceremos, plenamente, a condição de ser humano, de ser total. Estando conscientes do que somos e da nossa dimensão no mundo, poderemos agir de forma criativa, e não destrutiva, em relação aos outros e ao planeta. (BARBOSA, R. 2013)

É fato que a contemporaneidade tende a moldar pessoas egoístas e competitivas e as vezes acaba privando o ser humano de sua própria vivência. Torna-se necessário rever paradigmas para que o homem, a sociedade e a forma de ser possam ser reconstruídos. E é para isso também que a arte se faz presente em sala de aula, ela é importante para trazer ao aluno novas vivências, experiências, formas novas de pensar o mundo, de se fazer observador e crítico, de se expressar. De acordo ainda com Barbosa (2013), as pessoas estão em constante busca de conhecimentos e propósitos, conquistas. Sendo assim, com o que o ensino da arte desenvolve no indivíduo, tudo isso se torna mais possível.

Segundo Monique Deheinzein (2015), educadora e doutora em psicologia e educação pela faculdade de educação da USP, em uma entrevista para o Canal Futura sobre os benefícios do ensino da arte na educação, todo ser humano tem necessidade de se expressar, de fazer um trânsito entre o que a gente é, o que a gente sente, o que nos afeta e como expressar isso; e a arte é o caminho para isso. O que resulta é um percurso criador do aluno e é isso que a escola precisa propiciar, ela precisa organizar situações que permitam que o aluno entre em contato com todas essas coisas e que permitam que a criatividade dele seja mostrada.

Como já foi citado anteriormente nesta pesquisa, Piaget diz que a criatividade é fundamental para o desenvolvimento do educando e Vygotsky argumenta que sem ela o homem não é capaz de desenvolver nada; então propiciar espaços onde a criatividade é “lapidada”, é construtivo para a realidade de todos os alunos. Reforçando o que Amabile (1999) argumentou, um ambiente familiar propício, um bom ambiente no sistema de ensino, fatores cognitivos, fatores relacionados à motivação, favorecem o desenvolvimento da criatividade; em um ambiente escolar onde as aulas de arte são elaboradas com o uso de várias linguagens, situações onde o aluno possa vivenciar coisas novas e o uso de metodologias que envolvam fatores motivacionais, a criatividade pode ser estimulada cada vez mais.

Monique Deheinzein (2015) reforça a importância de propiciar ao aluno um bom percurso criador, de modo que o educador sempre consiga dar a continuidade correta para as suas atividades e de maneira que ele possa enriquecer a experiência do aluno. Através da constante

mediação e orientação do professor que o aluno consegue desenvolver um olhar crítico em relação às suas vivências e dar sentido às mesmas; esses conhecimentos adquiridos fazem parte de um processo longo pois resultam em mudanças de conceitos, valores e até de atitudes. Por isso é extremamente importante estabelecer um projeto de aula para o ano letivo e dar continuidade nisso para que tudo da arte possa ser bem aproveitado pelos alunos. E na arte é importante não saber ao certo onde irá chegar, pois se planejar demais e seguir todas as técnicas muito rigorosamente, o trabalho pode virar algo muito artesanal (por exemplo, fazer uma dobradura seguindo determinados passos). Modelos pré-existentes não devem ser repetidos, senão a necessidade de expressão fica prejudicada.

De acordo com Fernanda Salla (2015), repórter da Revista Nova Escola, em reportagem feita para o Canal Futura sobre o benefício da arte na educação, infelizmente muitos educadores enfrentam dificuldades para levar adiante esse trabalho de artes; para começar, poucos educadores de fato têm formação de licenciatura em alguma linguagem artística e os que não têm essa formação muitas vezes tomam uma linha de trabalho em sala de aula que é bem estereotipado. Isso acontece em todas as disciplinas, mas em artes especificamente é um obstáculo imenso, visto que o conteúdo pode se tornar meramente artesanal. Também tem o problema dos professores que passam apenas trabalhos de cópias de obras de arte já existentes, pois isso leva à ideia errônea de que nós não somos produtores de arte, só cabe a nós reproduzir o que já está feito. E isso pode conduzir a uma ideia errada do propósito da arte e contribuir para a banalização da disciplina.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação para o ensino de artes no Ensino Fundamental (1997), deve ser informado aos alunos sobre conteúdos e experiências relacionadas ao material, às técnicas e as formas visuais de diversos momentos da história da arte. Aprender a arte também envolve fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Dessa maneira, o aluno ampliaria a sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. É o chamado tripé apreciação, contextualização e produção. Pelo ensino da arte devemos ser capazes de ressignificar a realidade, uma vez que a troca de experiências que ocorre no ambiente escolar mostra que cada indivíduo compreende determinadas coisas de maneiras diferentes, construindo o próprio conhecimento. Mas para que isso seja bem sucedido, educadores capacitados são necessários e é por isso que tantos esforços na área de metodologia têm sido tomados, além do constante crescimento da Arte-Educação. Ela possibilita o acesso à arte como linguagem expressiva e serve para analisar e adquirir conhecimentos sobre como se utiliza e relaciona a arte no processo de aprendizagem; também tem uma linha de trabalho onde o aluno deve produzir, além de analisar outras produções e períodos da história da arte.

A década de 1920, com a Semana de Arte Moderna, foi um marco importante também no ensino da arte; o modernismo trouxe o ideal da livre expressão, preconizado por Anita Malfatti e Mário de Andrade. Esse ideal transformou a atividade de arte em expressão dos sentimentos das crianças: a arte não precisa ser ensinada, mas expressada livremente pelos alunos. Com o tempo, foram surgindo várias pesquisas comprovando como a motivação em sala de aula pode ser mantida de maneira saudável; essas pesquisas demonstram como as metas e crenças dos alunos afetam nos novos aprendizados e no rendimento acadêmico. As práticas de ensino e o uso de linguagens artísticas são coisas que contribuem para que o aluno continue motivado durante as aulas. E as aulas de arte são fundamentais para ajudar o aluno a adquirir valores e também entrar em contato com outras crenças.

Com tudo isso, metodologias foram sendo criadas, principalmente desde a década de 1980, para potencializar o ensino da arte. Inclusive também foram desenvolvidas metodologias que tornaram possível a articulação das artes com outros conteúdos, para uma abordagem interdisciplinar. Os educadores de arte devem sempre se manter atualizados a respeito das novas práticas artísticas e métodos de transmitir conteúdos, de maneira que a qualidade da educação aumente e os alunos possam se desenvolver plenamente dentro das suas capacidades e dentro do que o ensino da arte promete. Além disso, professores devem ter uma preocupação constante com a sua formação, já que a falta dela pode acarretar em uma aula de artes estereotipada e artesanal; e muitos que têm diploma não se preocupam em dar aulas que ajudem no desenvolvimento do aluno. Segundo Anna Mae Barbosa (1989, não paginado): “Os professores de arte conseguem os seus diplomas mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como auto-expressão.”

Ainda de acordo com a autora, o futuro da Arte-Educação no país está relacionado com três propostas complementares. A primeira é o reconhecimento da importância do estudo da imagem no ensino da arte; a leitura de imagens pode ser reforçada através de inúmeras teorias da imagem e da relação entre esta e a cognição.

A segunda proposta é a ideia de reforçar a herança estética e artística dos alunos, levando em conta o seu meio ambiente. Esta é uma tendência muito difundida no Brasil, mas se não for bem conduzida pode manter grupos amarrados demais aos códigos de sua própria cultura, sem permitir a decodificação de sua própria cultura. E por fim, a última proposta é a influência dos movimentos de arte comunitária na Arte-educação. Esses movimentos vão colaborar para que as informações de nível mais elevado sejam igualmente passadas a todos. Essas propostas para a Arte-educação podem garantir que ela tenha o papel de transmissora de valores estéticos e culturais.

E por fim, não basta apenas gastar esforços na criação de novas metodologias se não há reciprocidade motivacional entre o aluno, o professor e a disciplina. Os educadores precisam constantemente focar seus trabalhos em manter o estudante motivado, dessa maneira o ensino da disciplina pode ser potencializado.

3 – A realidade do ensino de Artes

Segundo Holzmann, Giovannoni e Maes (1993), quando artes visuais é lecionada por algum profissional com conhecimentos teóricos e práticos, contribui para o desenvolvimento do educando em vários níveis, valorização da matéria e para uma eficácia da educação geral. Existem diversas metodologias para serem usadas no ensino das artes visuais, mas nem todas podem ser aplicadas a todas as situações de ensino da disciplina. Para o ensino das artes dentro das escolas, existem várias metodologias que trabalham com o desenvolvimento de inúmeras capacidades nos alunos além de descrição, análise, interpretação e julgamento de imagens. Uma das metodologias mais utilizadas pelos professores nas escolas é a Abordagem Triangular da Anna Mae Barbosa, principalmente durante o ensino fundamental (que para as artes visuais, ainda tem a parte prática). Geralmente para as artes durante o ensino fundamental, as mais utilizadas são as metodologias que aliam teoria e prática; cada faixa etária normalmente determina se será dado mais foco na teoria ou na prática.

Em uma experiência de Estágio Supervisionado, pude observar em turmas de ensino fundamental 2 que essa Abordagem foi muito utilizada; a Professora solicitou para a escola para que todas as suas aulas fossem duplas. Dessa maneira, ela poderia trabalhar na primeira parte da aula a teoria (uma breve história da arte) e a crítica, e posteriormente a parte prática. Ela comentou várias vezes que essa metodologia funcionava bem para essa faixa etária dos alunos, mas infelizmente a parte teórica não poderia ser muito densa, caso contrário os alunos perdiam o foco e o interesse. Ela também comenta que vários alunos do ensino fundamental 1 e 2 ainda não possuíam coordenação motora bem desenvolvida, então ela observou que a parte prática das suas aulas ajudou no desenvolvimento desse aspecto. Lembro de um aluno que ensinei a usar régua durante o estágio com essa Professora, ele estava no sexto ano do fundamental; esse aluno não conseguia segurar a régua e traçar uma linha reta por cima ao mesmo tempo. Tiveram também alguns alunos que tinham muita dificuldade em tentar fazer linhas retas com o pincel ou com o lápis; e nesse momento também a Professora me deixou interferir e passar para os alunos atividades que ajudassem a melhorar a execução de linhas dentro dos desenhos ou pinturas, de maneira que estimulasse também a coordenação motora.

De acordo com Holzmann, Giovannoni e Maes (1993), as aulas de arte ajudam a desenvolver singularidade, personalidade, expressividade, auxiliam no desenvolvimento social, na criação de senso crítico, desenvolvimento de coordenação motora, desenvolvimento da percepção tátil, visual e corporal, ajuda a desenvolver muito a criatividade e até pode aumentar o rendimento escolar. E este é influenciado por vários fatores, um deles é a motivação. Pude constatar nessa experiência de estágio muito bem isso que Holzmann, Giovannoni e Maes (1993) argumentaram.

A parte prática das aulas também ajudou no desenvolvimento da criatividade; muitos alunos inicialmente não eram capazes de pensar em uma composição para um desenho/pintura, mas após alguns meses de aula a criatividade começou a fluir. Era curioso observar que a Professora sempre indicava um tema para a parte prática das aulas, na teoria os alunos já tinham um direcionamento, mas na maioria dos casos eu e ela precisávamos dar várias ideias de composição para os alunos conseguirem realizar os desenhos; infelizmente a experiência de cada estágio é curta, mas nas poucas horas que observei os mesmos alunos, consegui ver que alguns deles não precisaram mais pedir esse tipo de ajuda depois de um tempo. Na maioria das situações os alunos só precisam de um “empurrão” para que posteriormente consigam realizar seus trabalhos artísticos sozinhos.

E uma das coisas que a Professora conseguiu concluir é que suas aulas colaboraram bastante para que os alunos pudessem se expressar melhor; dessa maneira a escola foi capaz de ajudar alunos que tinham problemas dentro de casa ou mesmo algum tipo de problema relacionado ao psicológico do aluno. Todas as atividades que a Professora passava, fazia os alunos relacionarem as suas vivências/experiências com as atividades práticas; inclusive ela fazia o possível para que o conteúdo ficasse dentro da realidade dos alunos.

Essa Professora sempre faz cursos relacionados à regência e sobre metodologias também, então constantemente ela reavalia os seus métodos/metodologias dentro de sala de aula. Abrangendo a minha experiência como estudante e estagiária, essa foi a única professora que realmente se aproximou mais de usar uma metodologia de fato, pois o que eu mais pude observar é que todos os professores apenas passam conteúdo e dependendo da série tem algum trabalho prático posterior.

Também estagiei com turmas de ensino fundamental 1, mas nessas turmas a Professora responsável não conseguia ensinar quase teoria nenhuma, pois os alunos ainda não tinham muito entendimento e foco, de acordo com o que foi relatado pela mesma. Ela sempre tentava explicar pelo menos o básico a respeito de um artista ou sobre alguma técnica, mas era uma explicação extremamente curta. A parte prática da disciplina ocupava praticamente a aula inteira, e dessa maneira os alunos se mantinham concentrados e em desenvolvimento; ao longo dos anos que essa professora trabalhou com alunos de ensino fundamental 1, ela pode perceber que as metodologias para artes que trabalham com parte prática apenas é melhor para essa faixa etária; nessa idade, os alunos ainda estão desenvolvendo personalidade, criatividade, coordenação motora e estão começando a entender o que significa se expressar artisticamente. Ao longo dos anos que acompanhou as mesmas turmas, a Professora observou o desenvolvimento prático e cognitivo dos seus alunos, assim como melhora na expressividade.

No meu primeiro Estágio Supervisionado acompanhei turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Desde o começo foi bem claro que nas aulas de artes não é utilizada nenhuma metodologia específica para as artes visuais, e sim metodologias ou métodos mais tradicionais e gerais de ensino; basicamente transmissão de conteúdo, as vezes aulas com filme ou apresentação de imagens de obras de arte. No ensino médio geralmente são utilizadas as mesmas metodologias para todas as matérias, pois a grande preocupação dos professores e das escolas nessa faixa etária é preparar os alunos para as provas de vestibular. Durante o meu estágio nas turmas de ensino médio não observei nenhum tipo de desenvolvimento de habilidades, expressividade ou criatividade nos alunos, pois as metodologias utilizadas não possuem esses objetivos.

Pude observar durante meus estágios que as Professoras de ensino fundamental são as que tem um pouco mais de liberdade quando se trata do ensino da disciplina, então nessa faixa etária ainda é possível utilizar metodologias mais específicas para o ensino de artes que visem algum objetivo específico. Porém, no ensino médio a coisa fica um pouco diferente por causa do vestibular. Por mais que muitas pessoas possuam bastante formação e fundamentação teórica, as vezes fica muito difícil de aplicar metodologias específicas para as artes visuais, pois a metodologia que vai ser utilizada depende do Projeto Político Pedagógico da escola ou então pode depender das preparações para determinadas provas. Muitos acham que podem simplesmente ensinar algo básico sobre artistas ou relativo às suas produções e depois passar para a turma algum trabalho prático; mas isso não é muito específico para artes. Não deixa de ser um método de ensino; muitos métodos/metodologias de ensino podem ser aplicadas a várias disciplinas, mas como relatei ao longo da pesquisa, muitas metodologias específicas para as artes visuais trouxeram uma série de benefícios para os alunos; inclusive ajudar no aprendizado de outras disciplinas, fato que todas as escolas deveriam considerar. A investigação previamente citada *Champions of Change* é mais um exemplo que mostra como o contato com as artes é extremamente positivo para os envolvidos.

Um fato muito importante que pude observar nas minhas experiências de estágio é que em todas as turmas de ensino fundamental os alunos ficavam extremamente ansiosos para a chegada da professora de arte, e a partir do momento em que a professora começava a aula, todos eles faziam perguntas o tempo todo e participavam das aulas. Outra coisa interessante é que quando tocava o sinal que anunciava o início das aulas de artes, os alunos já ficavam quietos dentro de sala esperando apenas as professoras entrarem. Ambas as professoras de arte que acompanhei no ensino fundamental partiam da própria vivência e experiência dos alunos para selecionar artistas que tinham a ver com o conteúdo da aula. E nas atividades práticas também se baseavam nisso, dessa maneira o conteúdo e as atividades ficavam extremamente próximos

dos alunos, de maneira que a motivação dentro de sala e o aprendizado pudessem ser potencializados.

Tudo isso me leva a refletir sobre a problemática lançada nesta pesquisa: como as metodologias de educação de Artes Visuais no Brasil podem enriquecer o crescimento do educando cognitivamente?

Após pesquisar sobre algumas metodologias, alguns autores foram a base para a construção desta pesquisa. Como já foi citado anteriormente, Ferraz e Fusari (1993) argumentam que há alguns anos pesquisadores, professores e artistas têm mostrado maior preocupação quanto ao ensino da arte; é interessante que as propostas de ensino sejam baseadas nas necessidades psicológicas e na realidade dos alunos, no ensino e aprendizado pensado a partir da própria arte, no conhecimento da arte a partir do fazer e apreciação artísticos e da história da arte, na percepção dos alunos como base para a experiência estética e na interdisciplinaridade entre métodos para ensinar conhecimentos artísticos. Esses professores têm tentado mostrar que a escola possui um papel fundamental pra que ocorram mudanças sociais e culturais e é importante que sejam construídas práticas educativas para esta realidade. Anna Mae Barbosa mostra como é importante conhecer o processo histórico do ensino da arte e de intervir com sabedoria nesse processo. Ela se preocupa em democratizar a arte, de maneira que todos possam ter acesso aos conteúdos artísticos e estéticos através de uma educação de qualidade; uma das ações propostas por ela é a Abordagem Triangular que consiste no fazer artístico, na análise de obras e na história da arte.

Rita Bredariolli (2012), como já foi previamente citado, argumenta que Maria Heloisa Ferraz e Maria Fusari também desenvolveram metodologias baseadas inicialmente em uma parte teórica e posteriormente em uma prática artística. A metodologia de ensino em arte abrange ideias e teorias educativas para a prática artística. As ideias e teorias são baseadas nas propostas de estudiosos da área e também no trabalho das duas autoras; elas ressaltam constantemente a importância de aliar teoria e prática durante as aulas de arte, pois o “como fazer” está atrelado ao “como entendemos” a arte.

Após comparar essa pesquisa de metodologias com minhas experiências de estágio, observei que toda metodologia artística enriquece o aluno, mas não é uma única metodologia que resolve todas as situações; precisamos adequar a “receita do bolo” para cada situação. As metodologias de ensino de arte devem ser determinadas a partir da realidade dos alunos ou do desenvolvimento deles; o fato é que a prática artística deve estar presente para que os alunos possam desenvolver competências e habilidades. Estas últimas só foram desenvolvidas quando foi usada uma metodologia de ensino de artes que abrangesse a parte das atividades práticas.

Devemos ter em mente que a prática artística isolada de uma metodologia não ajuda em nada, uma coisa deve estar ligada à outra.

O Professor deve pensar no crescimento cognitivo do estudante, e não apenas no conteúdo que deve ser ensinado. A prática artística sem objetivo/sentido cai no vazio, assim como uma aula conteudista sem objetivo. A prática precisa ser refletida, ela tem que ser pensada; a própria reflexão sobre a arte é um meio de teorizar sobre isso, pois as vezes a reflexão envolve uma passagem completa por boa parte da história da arte.

Considerações Finais

Durante as minhas experiências de estágio, pude pensar em muitas coisas sobre o ensino de arte nas escolas. O meu primeiro semestre de estágio foi em turmas de ensino médio em escola particular, e o segundo e terceiro semestre foram em turmas de ensino fundamental em escola pública. No segundo semestre de estágio, comecei a observar que as professoras eram capazes de incluir muito mais elementos nas suas metodologias de ensino, de modo que elas pudessem ser utilizadas para desenvolver competências e habilidades nos alunos.

Uma das coisas que mais observei é que as aulas de arte de ensino fundamental são mais atrativas para os alunos; inicialmente a professora passa uma parte teórica curta e bem sintética e logo após já inicia a parte das atividades práticas. As duas professoras de ensino fundamental que acompanhei utilizam a motivação do aluno dentro de sala como um dos elementos que fazem parte da metodologia; e com ela, procuram desenvolver coisas como personalidade do educando, capacidade de se expressar, criatividade, coordenação motora, singularidade. Nas turmas que acompanhei, eu realmente pude observar que os alunos desenvolviam exatamente o que as professoras tinham em mente com as atividades, lógico que cada aluno desenvolvia as capacidades/habilidades no seu tempo.

Depois de estagiar também no ensino fundamental, consegui estabelecer vários elementos comparativos com o ensino da disciplina nas turmas de ensino médio; nesta situação, o ensino de artes se apresenta na forma de uma metodologia extremamente tradicional que não visa desenvolver nada específico nos alunos, apenas pretende prepará-los para as provas de vestibular. Uma das coisas que reparei no meu primeiro semestre de estágio foi que o interesse pelas aulas de arte no ensino médio não é grande; muitos alunos possuem desprezo pela matéria ou então perdem rapidamente o foco, poucos minutos após a explicação do conteúdo ter se iniciado. Os alunos apenas foram capazes de desenvolver habilidades e capacidades quando foi utilizada uma metodologia de ensino que contivesse a parte das atividades práticas.

Com o andamento desta pesquisa, pude notar a importância para o estudante da expressividade e da motivação; quando estes elementos são abordados dentro das metodologias de ensino, o estudante é capaz de desenvolver uma série de capacidades e habilidades cognitivas, de maneira que o aprendizado fica enriquecido. A construção das metodologias, levando em consideração principalmente a realidade dos alunos e os objetivos a serem desenvolvidos a partir dessa metodologia, faz o estudante manter a motivação dentro de sala e faz também com que ele trabalhe bem a expressão artística.

Muitas pesquisas sobre motivação no contexto escolar já foram realizadas e elas mostram como as metas e crenças dos alunos afetam nos novos aprendizados, no engajamento cognitivo,

no aproveitamento e rendimento acadêmicos e na demonstração de comportamentos, estratégias e habilidades já adquiridos (Pintrich, 2003 apud Zambon; Rose, 2012). Por isso que o Professor deve sempre levar em conta a realidade dos alunos para o desenvolvimento das metodologias de ensino. Motivação deve ser levada a sério, pois pessoas que possuem uma imagem positiva de si se esforçam para que a realização das tarefas seja mais consistente com suas autopercepções (Marsh, 1984,1986, 1990b; Marsh; Koller, 2003 apud Zambon; Rose, 2012).

E por fim, a expressão artística traz muitos resultados positivos para o educando, ela deve ser incluída e constantemente trabalhada dentro das metodologias. Segundo Losada (2013), a expressão artística não ocorre facilmente de maneira espontânea ou automática; é preciso “alfabetizar” a criança nesses códigos, de maneira que seja desenvolvida um programa de aprendizagem para tal, assim como ocorre com outras disciplinas. Monique Deheinzein (2015), educadora e doutora em psicologia e educação pela faculdade de educação da USP, em uma entrevista para o Canal Futura, argumenta que todo ser humano precisa se expressar, conectar o que a gente é com o que a gente sente e com o que nos afeta; e a arte é o caminho para isso. O que resulta é um percurso criador do aluno e é isso que a escola precisa propiciar, ela precisa organizar situações que permitam que o aluno entre em contato com todas essas coisas e que permitam que a criatividade dele seja mostrada.

Referências Bibliográficas

AMABILE, T. M. **Creativity in Context**. Westview Press, 1996. Sternberg, Robert J. Handbook of Creativity. Cambridge University Press, 1999.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. São Paulo Sept./Dec. 1989. Tradução de Sofia Fan. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010>.

_____. **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, R. **Benefícios da arte no contexto escolar**, Portal Educação, 2013. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/beneficios-da-arte-no-contexto-escolar/47699>>.

BECK, A.L.; **Dança Desenho: Metodologia em Movimento**. Pesquisa em Artes/FAP, Curitiba, n.3, p.1-20 jan./junho. 2010.

BREDARIOLLI, R. **Metodologias para ensino e aprendizagem de arte**. Rede São Paulo de formação docente, Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. São Paulo, 2012, By UNESP – Universidade Estadual Paulista. <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf>.

Canal Futura, **Os benefícios da arte na educação**, 2015. Conexão Futura, 15 de abril de 2015. [VÍDEO] Apresentação: Cristiano Reckziegel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KZLGHP8nFp0&t=966s>>.

DIAS, B. **Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes**. Universidade de Brasília, data incerta. Disponível em: <<http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>>.

ECCLES, J S.; WIGFIELD, A. **Motivational beliefs, values and goals**. Annual Review of Psychology, v. 53, p. 109-132, 2002.

FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Metodologia do ensino de arte**. Cortez, 1993.

FERNÁNDEZ, T. **Master a distancia Nuevas Tecnologías Aplicadas a la Educación** – Proyecto de Grado. **Cultuarte – Educación Cultural, artística y tecnológica em el escenario posmoderno**; Dirigido por Dr. Joaquín Gairín Sallán. La Paz, Bolivia, maio de 2005.

FILHO, Irineu A. T. V.; PONCE, R. F.; ALMEIDA, S. H. V. **As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola**. Psic. Da Ed., São Paulo, 29, 2º sem. de 2009, pp. 27-55.

FISKE, E. B. **Champions of Change, The impact of the arts on learning** – Edited by Edward B. Fiske. Arts Education Partnership, MacArthur Foundation. Disponível em <<http://artsedge.kennedy-center.org/champions/pdfs/champsreport.pdf>>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOLZMANN, M. E. F.; GIOVANNONI, N. J. R.; MAES, P. F. **Metodologia do ensino de arte na escola**, Educ. rev. no.9 Curitiba Jan./Dec. 1993. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601993000100007>.

IRWIN, R. **A/R/Tografia: uma mestiçagem metonímica**. In: BARBOSA, A. ; AMARAL, L. (Org.). Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. São Paulo: SENAC/SESC, 2008, pp. 87-104.

LOSADA, T. **Tendências Contemporâneas no ensino de Artes**. Fundação CECIERJ, Consórcio CEDERJ, Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro. 2013, Volume único. Disponível em: <<https://canalcederj.cecierj.edu.br/012016/9f5efdacb6070bd734908a965fd76ca9.pdf>>.

NASCIMENTO, V. S. J. **Ensino de arte: contribuições para uma aprendizagem significativa**. Encontro Funarte, políticas para as artes, 2012. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3o-pela-funarte_Vanderl%C3%A9ia-Santos.pdf>.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1991.

Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte. MEC/SEF, 1997. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>.

REDE GLOBO, **Abordagem Triangular: 25 anos de contribuição para o ensino da arte**, Globo.com. Postado em 16/06/2012 e atualizado em 23/04/2013. Disponível em:
<<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/06/abordagem-triangular-25-anos-de-contribuicao-para-o-ensino-da-arte.html>>.

ZANIN, V. P. M. **Arte e Educação: um encontro possível**. Recebido em: 16/10/2003 Aceito em: 09/06/2004 . Programa de Mestrado em Educação - Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Revista Científica da UNOESTE. Disponível em:
<<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/195/99>>.

ZAMBON, M. P.; ROSE, T. M. S. **Motivação de alunos do ensino fundamental: relações entre rendimento acadêmico, autoconceito, atribuições de causalidade e metas de realização**. Educ. Pesqui. Vol.38 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022012000400012>.